



O LUGAR DE UMA TEORIA DO DISCURSO NA PSICANÁLISE (OU: UM RECADO DE LACAN)

« Infelicidade é questão de prefixo »
Guimarães Rosa

Autor: Waldir Beividas
Instituição: UFRJ

RESUMO:

“O inconsciente está estruturado como uma linguagem” é a hipótese central com que Lacan procurou atualizar a psicanálise freudiana à nova ordem conceptual introduzida nas ‘ciências humanas’ (Linguística, Antropologia, Filosofia) a partir da década de 1950.

Esse ‘gesto linguístico’ de Lacan – que queremos justificar como um *gesto semiótico* mais amplo – teria o sentido de um recado: a continuidade de atualização da psicanálise frente às teorias semióticas que estendem a questão da significação e do sentido para além das fronteiras linguísticas

1. Introdução

Alguns psicanalistas nos informam que a intervenção de Lacan no meio psicanalítico da década de 1950 teve duas direções precisas: uma retificação da *prática* analítica (denúncia da “função ortopédica”, das tendências reforçativas do ego) e uma reconstrução *teórica* da psicanálise (Lacoue-Labarthe & Nancy, 1973: 15).

No plano teórico tem-se por sabido que o matiz lacaniano sobre a psicanálise freudiana está ancorado no fato de que ele põe o discurso – enquanto manifestação significativa do Simbólico – no centro da sua teoria, como rota de acesso ao inconsciente, como posto de escuta de estados patológicos que têm constituído os desafios prementes da psicanálise. Essa centralidade do significativo – fundamento do simbólico e constitutivo do próprio sujeito – se estipula não só no plano teórico, mas também na prática clínica, onde ele fornece o material de escuta, de interpretação, ainda que sob a forma de subentendidos, de falhos, denegações e demais estratégias (dis)simuladoras. Com a condição de que se saiba lê-lo adequadamente nas suas entrelinhas (nos ‘inter-ditos’) esse material discursivo fornece uma chave tão cristalina da ‘lógica’ do inconsciente, que Lacan não titubeou em proclamar que o inconsciente tem a estrutura de linguagem (1966).

Uma vez instaurada a (pre-) valência do simbólico na constituição do sujeito, a questão do significativo nunca deixa de ocupar essa centralidade. Mesmo quando não é enfatizada – tal como ocorre nos últimos anos de ensino dedicado à elaboração do registro do Real – ela é sempre pressuposta:

“Pourquoi mettons-nous tant d’accent sur la fonction du signifiant? Parce que c’est le fondement de la dimension du symbolique, que seul nous permet d’isoler comme telle le discours analytique” (Lacan, 1973: 24).

Ora, se Lacan perseguiu durante tantos anos a valência do significativo; se concedeu à linguagem o estatuto de condição do inconsciente; se toda a sua psicanálise tem como centro de irradiação a estrutura linguageira do inconsciente, cabe-nos indagar até que ponto o que sabemos sobre a linguagem é suficiente; até que ponto as intervenções lingüísticas de Lacan já foram o bastante, ou antes, cabe-nos indagar se já esgotamos o sentido (a direção) dessas intervenções.

Em poucas palavras: a hipótese lacaniana do inconsciente estruturado como linguagem já teria esgotado seu valor heurístico?

2. A hipótese lacaniana

É nossa convicção que a hipótese lacaniana fora tão precoce na época de sua formulação, que não encontrou terreno teórico – quer no âmbito psicanalítico, quer no

lingüístico – capaz de absorvê-la na sua envergadura. Não se trata de minimizar a uns e a outros, mas de enfatizar a precocidade do seu ensinamento, o que lhe valeu, ao lado de outros motivos, a excomunhão por uns e o esquecimento de outros.

A hipótese entrara em manchete, para virar chavão, que todo mundo repetia, mas poucos conseguiam saber direito do seu alcance, mesmo entre discípulos mais próximos (cf. a polêmica no congresso de Bonneval (Ey (org.), 1970)).

Há que se perguntar por que razão especial Lacan consegue feito de tamanha proporção, uma hipótese ‘profética’ (etim. PRO-FERRE = ‘anunciar antes’)?

Sem querer atribuí-la a algum tipo de genialidade misteriosa e individual, de berço, e depurando do termo usado quaisquer mitificações da figura de Lacan – o que aliás só lhe trouxe dissabores e antipatias à sua psicanálise – prefiro dizer que Lacan consegue esse feito admirável porque, além de psicanalista agudo, foi sempre atento e sensível à episteme da época, isto é, ao movimento de conceptualização teórica que se instaurava seja na filosofia (Merleau-Ponty), na antropologia (Lévi-Strauss), na lingüística, episteme que concede então ao discurso, à linguagem, o privilégio de ser estipulado como o *lugar conceptual* de onde tirar as inferências mais promissoras para o conhecimento do sujeito.

Essa sensibilidade o compeliu não apenas a ler e interpretar o *Cours* de Saussure. Por ela, tornou-se Lacan um pesquisador lingüista. Não só se informou dela; trabalhou-a. Acompanhou-a nas mais recentes descobertas de então. Basta correr os *Écrits* ou os seminários para testemunhar seus diálogos teóricos com Benveniste, Martinet, Jakobson. Referiu-se a Hjelmslev (teórico em quem se origina a semiótica europeia) e a Peirce (fundador da semiótica americana). Criticou muito a Chomsky, com conhecimento de causa.

É portanto a sensibilidade à episteme ambiente o sentido do recado que, penso, Lacan quis passar com o *gesto semiótico* da sua hipótese maior.

3. *Gesto semiótico*

Se usamos esse termo para caracterizar a baliza guiadora da sua teoria é porque Lacan viu muito bem que a estrutura de linguagem do inconsciente ultrapassa qualquer estrutura lingüística *stricto sensu*; porque a estrutura do significante em Lacan não é equivalente à estrutura sígnica de Saussure; porque a estrutura do significante em Lacan

só pode ser explorada às últimas conseqüências – é a convicção de base de nosso pensamento – se a virmos como recobrando estruturas mais amplas que a dos signos e das frases (de significantes e significados correlacionados e atomizados), estruturas que se irradiam para o discurso como um todo, com as significações fluindo e refluindo narrativamente sobre a amarração dos significantes em discurso.

E quando saímos das estruturas sîgnicas para as estruturas discursivas, saímos do âmbito da lingüística para o regime de uma semiótica, uma teoria do discurso¹.

Esse gesto semiótico de Lacan, entretanto, indica o sentido da partida, não o sinal de chegada. Indica que não basta limitarmo-nos a um estatuto superficial de Saussure – e reproduzirmos repetitivamente em cada reflexão os mesmos diagramas de Saussure, os mesmos diagramas (invertidos) de Lacan (!). Os avanços da lingüística e da semiótica (incorporando inclusive reflexões lacanianas) foram tais que elas nem se reconhecem mais naqueles diagramas pioneiros, tornados um pouco inócuos por força mesmo da evolução das pesquisas.

A envergadura da hipótese lacaniana é maior que a lingüística inaugural de Saussure; ela impõe que a psicanálise evolua sua atenção daqueles diagramas sîgnicos para os modelos de estruturas narrativas e discursivas que a semiótica vem desenvolvendo no risco sulcado pelo pensamento saussuriano.

4. *Interdisciplinaridade*

É claro que um diálogo interdisciplinar – ou antes, uma ‘sensibilidade’ interdisciplinar, para ficarmos com Lacan – traz sempre o incômodo de nos colocar frente a um outro discurso; frente a uma (meta-)língua teórica na qual *não nos reconhecemos* de pronto; incômodo que se reveste num certo medo infundado, medo do saber ameaçado; frente a um raciocínio no qual nosso, por assim dizer, ‘narciso cognitivo’ não se espelha.

Será que a interdisciplinaridade, e, no caso, a semiótica só pode representar uma ameaça – velada, ostentada ou disfarçada – de desqualificar o discurso da psicanálise? de questionar seus conceitos? de inundá-lo com termos obscuros? de deturpar sua clínica?

¹ Enquanto teoria do discurso, a Semiótica a que nos referimos aqui – sem prejuízo das aproximações com a semiótica de Peirce em que outros pesquisadores se empenham – é aquela que se desenvolve na Europa, sob a orientação de A. J. Greimas (1979).

O melhor exemplo de que nada disso se justifica vem do próprio Lacan: será que a psicanálise freudiana se deturpou quando, por meio de Lacan, ela se serviu da lingüística de Saussure? A introdução de conceitos como “significante”, “cadeia significante”, “enunciação”, “metáfora” (e muitos outros) significou retrocesso?

Temos que convir que bem ao contrário; que lhe trouxe novo impulso, novos conceitos, novas hipóteses. Temos que convir que a *Interpretação dos sonhos*, a *Psicopatologia da vida cotidiana*, *O chiste e suas relações com o inconsciente* só puderam ser vistos como verdadeiros ‘tratados de lingüística’ (*avant la lettre*), por Lacan, precisamente em função dessa sua viragem para a lingüística. Foi o que moveu em Lacan todo o ânimo no retorno ao sentido do primeiro Freud.

Nenhuma busca interdisciplinar vai tirar a especificidade da psicanálise, já que o viés da incidência por onde ela atravessa o discurso do paciente, para nele fazer falar o inconsciente, é peculiar ao contexto de análise, onde se desenvolve uma série de funcionamentos modais do discurso, que se manifestam como recalque, denegação, repetição, deslocamento, condensação... (que a semiótica, por sua vez, começa a acompanhar com interesse).

E além de preservada a peculiaridade da incidência da escuta e interpretação psicanalíticas, a interdisciplinaridade pode representar uma ampliação desse ângulo de incidência em que, ao lado dos grandes *estados patológicos* já tradicionais aí (psicose, histeria, neurose, melancolia...) possa ser aumentada a legibilidade do discurso em análise, frente aos ‘pequenos’ *estados passionais* do sujeito (tédio, indiferença, desprezo, decepção, confiança, vingança, cólera, resignação, desespero...), pequenas “paixões” que a semiótica procura investigar, estados passionais que, enfim, nunca deixam de estar presentes nas condições da condição humana (cf. referências bibliográficas).

Se Lacan ousou insistir por mais de 20 anos na elaboração do registro do Simbólico, essa insistência já nos dá indicações precisas sobre a necessidade de conhecimento cada vez mais fino sobre o significante, sobre a dinâmica das estratégias discursivas postas em ação pelo paciente, onde procura ocultar (sintomaticamente), mas onde acaba por revelar (fantasmaticamente) a verdade do seu desejo.

O discurso não tem mistérios como também não os tem o inconsciente. Possui, isso sim, uma estrutura complexa, sutil e fascinante, que a lingüística dos anos 1950 não

pôde apresentar para nutrir, de modo mais amplo, a engenhosidade do pensamento de Lacan. A sua ‘decepção’ em relação com o formalismo da lingüística chomskiana; o seu ‘afastamento’ da lingüística jakobsoniana (sua ‘linguisterie’, sua ‘lalangue’) evidenciam cabalmente a busca de uma abertura para além da lingüística. O gesto semiótico de Lacan pede continuidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EY, H. (org.) (1970) *El inconsciente (coloquio de Bonneval)*. México, Siglo XXI.

FONTANILLE, J. (1980) “Le désespoir ou les malheurs du coeur et le salut de l’esprit”, *Documents*, n. 16. Paris, GRSL, p. 5-32.

GREIMAS, A. J. (1983) *Du sens II. Essais sémiotiques*. Paris, Seuil.

GREIMAS, A. J. et COURTÉS, J. (1979) *Sémiotique, dictionnaire raisonné de la Théorie du langage*. Paris, Hachette.

LACAN, J. (1966) *Écrits*. Paris, Seuil.

_____ (1975) *Le séminaire de Jacques Lacan. Livre XX. Encore*. (texte établi par Jacques-Alain Miller). Paris, Seuil.

LACOUÉ-LABARTHE, Ph. et NANCY, J.-L. (1973) *Le titre de la lettre*. Paris, Galilée.

LANDOWSKI, E. (et alli) (1979) “Sémiotique des passions”. *Le Bulletin*, n. 9. Paris, GRSL, 50 pp.